

O método semiótico e os caminhos da significação: uma proposta de estudo do texto literário no ensino médio

Diógenes Buenos Aires de Carvalho¹
Elijames Moraes dos Santos²

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem sobre o método semiótico do discurso, de A. J. Greimas, para o reconhecimento das etapas de significação durante a análise do texto literário entre estudantes do ensino médio. Nessa perspectiva de uma abordagem sistêmica, o ponto alto dessa proposta de trabalho é a apreciação do evento estético, em cuja análise poderão ser apontadas as figuras e temas espalhadas no universo discursivo do conto *O Espelho*, de Guimarães Rosa. Para o alcance desses propósitos mergulhar-se-á no aporte teórico de Greimas (1973; 2014), Bertrand (2003), Barros (2001; 2008) e das Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006).

Palavras-chave: significação, texto literário, ensino médio, método semiótico.

The Semiotic Method and the Paths of Meaning: A Proposal for Literary Text Study in High School

Abstract

This paper presents an approach to the semiotic method of speech proposed by A. J. Greimas and its use for the recognition of significant steps during the analysis of literary texts among high school students. From the perspective of a systemic approach, the highest point of this proposed work is the appreciation of the aesthetic event in which analysis can point out the scattered figures and themes in the discursive universe of the story *O Espelho*, by Guimarães Rosa. To achieve this purpose, we will use the theoretical framework of Greimas (1973; 2014), Bertrand (2003), Barros (2001, 2008) and the High School Curriculum Guidelines (2006).

Keywords: meaning, literary texts, high school, semiotic method.

PASSOS INICIAIS

O trabalho com a leitura é sempre um desafio para professores/estudantes e, muitas vezes suprimido, seu espaço é cada vez menor nas aulas de linguagem (língua e literatura), tornando-se pouco acessível o

¹ Docente da Graduação em Letras e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

² Mestre em Letras (UESPI) e Professora Substituta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/Campus Santa Inês)

contato com o texto, especialmente o literário, e quando muito o acesso se dá por meio de resumos ou recortes de capítulos de obras. Essa questão tem afastado o olhar do aluno sobre o valor do texto estético, impossibilitando-o de experienciar de forma aprazível a literatura e causando, muitas vezes, uma aversão sobre a leitura humanizadora. Ao refletir sobre fatos como esses, buscou-se por meio do método semiótico do discurso, de Algirdas Julien Greimas, uma maneira de conduzir o leitor do Ensino Médio a reconhecer os caminhos da significação do texto literário.

Com a instituição, em 1997, do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o Ministério da Educação (MEC) objetivou equipar as escolas com acervos de obras de referências, obras literárias na íntegra, antologias de contos, assim como acervo de apoio aos docentes. Mas, há muito a ser feito, inclusive para otimização desse Programa. Posto isso e considerando que a Literatura apresenta uma diversidade de gêneros para serem explorados, destacou-se nessa proposta de estudo o conto, gênero discursivo (BAKHTIN, 2006), que, embora apresente o seu dizer de maneira condensada, a significação pode ser extensa, ou seja, pode ser curto na forma e longo no conteúdo.

Desse modo, neste artigo foi escolhido como *corpus* um texto do PNBE - Acervo 2012, com vistas a apresentar ao leitor uma obra já disponibilizada pelo MEC, e, principalmente, que detenha uma linguagem estética. Assim, para entreter e fazê-lo experimentar uma linguagem permeada de imagens percorreremos cada nível de significação das estruturas de “O Espelho”, de João Guimarães Rosa, do livro *Primeiras Estórias*, como o próprio narrador diz: “-Sequer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições.[...] O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto.[...]” (ROSA, 2011, p.113). Este primeiro contato nada mais é que um desafio proposto pelo narrador de visualizar, por meio do espelho, as diversas imagens que se dão no plano concreto desse objeto.

Os fatos, em si, narrados em primeira pessoa, mobilizam uma dinâmica dialógica com leitor, “[...] O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade - um espelho? [...] Reporto-me ao transcendente. [...] Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? [...]” (ROSA, 2011, p. 113). É instaurado nesse convite uma personagem que interage ao longo do percurso do texto com o narrador, ouvindo suas experiências que perpassam “as noções da física” e as “leis da óptica”.

Reporta-se ao transcendente, quando não se fixa no concreto do espelho questionando a fidedignidade das imagens. Nesse contexto, o conto de Rosa segue uma linha temporal cuja cronologia é rompida pela retrospectão do próprio narrador, que compartilha suas experiências *in media res* tornando-se onisciente.

É nesse compartilhar de ideias em torno desse diálogo, que a narrativa se apresenta promovendo questões e temas intrigantes que abordam o reflexo do outro, a sutileza dos fenômenos fisionômicos e ainda deflagram máscaras que cada um carrega. Ao presentificar as experiências do narrador são notadas metáforas numa linguagem que produz a fruição nestes entremeios dos discursos mediados pelas instâncias enunciativas das estruturas textuais.

Reconhecidos alguns aspectos significativos que envolvem os temas deste sistema de signos, foram organizados alguns objetivos, a saber: reconhecer a riqueza linguística e temática dos textos literários; verificar a formação do percurso de geração de sentido por meio das estruturas do gênero conto; analisar organização das estruturas sêmionarrativas e discursivas do conto literário e captar as intenções discursivas dos textos que transitam no meio literário. Para tanto, ancorou-se no método semiótico de A. J. Greimas (1973, 2014), como forma de estimular a análise dos elementos significativos presentes nas unidades da tessitura, bem como da estudiosa Diana Luz P. Barros (2001, 2008) e Denis Bertrand (2003), para o reconhecimento das etapas de construção do sentido do texto.

MÉTODO SEMIÓTICO DO DISCURSO

A teoria semiótica do discurso apresenta em seu desenvolvimento o interesse em percorrer os caminhos de construção dos sentidos do texto, assim como os mecanismos que conduzem a sua significação. Nesse propósito, o projeto fundado por Algirdas Julien Greimas desdobra-se em algumas etapas que perpassam os níveis abstratos, narrativos e concretos, demarcando os procedimentos para se entender o que o texto diz e como diz nessa tarefa de (re)significação. Herdeiro do estruturalismo de Ferdinand Saussure, o teórico apropria-se da dicotomia paradigma e sintagma, mas não se detém aos limites da frase ampliando essa função às dimensões do texto. Assim, avança no plano de conteúdo, conforme os princípios da Glossemática de Louis Hjelmslev, cuja generalização institui o signo como uma função contraída entre dois funtivos

formais, ou seja, a expressão e o conteúdo, motivando a solidariedade entre esses planos e a função semiótica (HJELMSLEV, 1975).

Assim, o texto em si concentra um plano de conteúdo formado por um sistema de significações. A este postulado reforçam as palavras de Barros (2001: 20): “Entende-se o percurso gerativo, portanto, como um percurso do conteúdo”. Logo, o estudo desse sistema é possível por meio dos elementos que o compõem, de acordo com os seus níveis fundamental, narrativo e discursivo, cujos aspectos são peculiares e autônomos tanto nos componentes sintáticos quanto semânticos.

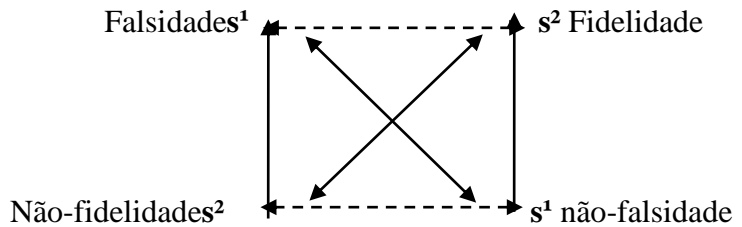
Desse modo, o estudante-leitor do ensino médio pode se apropriar dessas dimensões estruturais para compreender o que o texto diz. Havendo, assim, o interesse de que este desenvolva competências de leitura no campo literário que se coadunam com o previsto no inciso III dos objetivos a serem alcançados no ensino médio expostos no artigo 35, das Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEM). Além disso, está em conformidade com LDBEN nº 9394/96, tem-se: “[...] III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.[...]” (BRASIL, 2006: 65). Ao seguir as etapas do percurso gerativo de sentido o educando poderá reconhecer os elementos que constituem o texto estético e a partir desse processo poderá fruir por meio de suas unidades, refletindo sobre os aspectos que o constituem como sujeito-leitor.

Concebendo-se que o leitor, de acordo com Greimas & Courtés (2008), reconstitui o significante textual sem recorrer a princípio seu significado, se estabelece o reconhecimento de que a leitura “é inicialmente – e essencialmente – uma semiose, uma atividade primordial cujo resultado é correlacionar um conteúdo a uma expressão dada e transformar uma cadeia de expressão em uma sintagmática de signos” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 281). Pressupõe-se, portanto, nesta performance uma competência do leitor, possível, principalmente, em semiótica literária, posto que as ambiguidades no nível dos enunciados permitem serem remediadas ao propor o contexto-discurso como lugar de desambiguidades, conforme assinala Greimas & Courtés (2008).

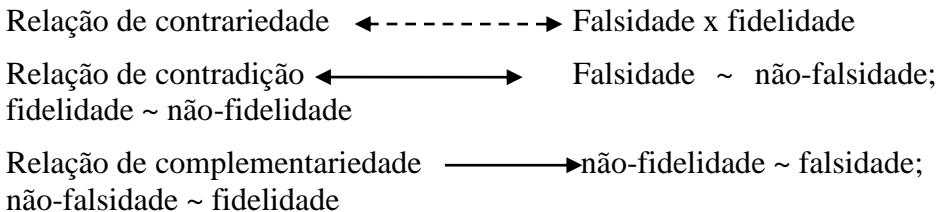
fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, Somos, no visível? [...] (ROSA, 2011, p.13).

É importante com isso demarcar os pontos que formam um quadrado semiótico de oposição semântica e que serve de base para os demais níveis de construção dos sentidos do gênero em estudo. Porquanto, conforme o semioticista, “uma categoria semântica pode ser axiologizada pela projeção da categoria tímica no quadrado que a articula, de modo que os termos contrários serão denominados /euforia/e /disforia/” (GREIMAS, 2014, p. 103).

QUADRADO SEMIÓTICO



Segundo Barros (2001), essa composição é interpretada por um modelo lógico que traduz suas relações em oposições de contradição, contrariedade e complementariedade, tornando operatório o modelo estabelecido. Conforme se vê a seguir:



Tal investimento representa o conflito inicial cuja voz do narrador está em disforia, contrariedade; não-disforia, contradição; chegando a euforia por meio das relações de complementariedade. Justificam-se essas relações pelo fato de um único termo não poder significar, “[...] devendo a relação manifestar sua dupla natureza de conjunção e disjunção”. (BARROS, 2001, p. 21). Demarcadas essas relações, torna-se oportuno continuar a análise em meio as estruturas sêmionarrativas para se reconhecer as modalidades inscritas pelos sujeitos que transitam o percurso de significação deste conto, posto que este nível fundamental serve como base de sustentação para a articulação dos

elementos que serão refletidos nos demais níveis do percurso, em especial o discursivo em seus planos isotópicos.

DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS – 2ª ETAPA

A narratividade do texto concentra modalizações em torno dos elementos circunscritos nas instâncias de comunicação desta camada de formação do percurso gerativo. Ao pensar sobre as estruturas narrativas de um texto como *O Espelho*, delineiam-se a princípio sujeito e objeto na medida em que estabelecem entre si relações de junção actancial, podendo sofrer alterações no desempenho dos papéis assumidos no curso da tessitura. O narrador do conto, por exemplo, detém uma função primordial no relato dos fatos apresentando-se ora em disjunção ora em conjunção com o espelho, objeto revestido de valor. Contudo, desdobra-se ainda em outros actantes sujeito/herói – destinador (narrador); objeto – antissujeito (espelho); instaurando-se com isso um destinatário (personagem inominada), ora adjuvante, que acompanha o narrador em suas lembranças. Nota-se, portanto, uma simplificação do modelo funcional propiano ([1928] 2006), em que as 31 esferas são reduzidas a três pares de funções actanciais. Conforme aponta Tadié, Greimas “introduziu a noção de atuante, [...]. O atuante assume mais que um papel[...]: trata-se de um sujeito,[...] opõem-se dois a dois: sujeito x objeto; emissor x destinatário; auxiliar x opositor” (TADIÉ, 1992, p. 227).

Assim, as modalizações definidas como do *ser* e do *fazer* inerentes ao eixo sintagmático desta etapa podem ser convencionadas segundo o estatuto de valor que tanto o sujeito quanto o objeto podem apresentar no desenrolar da trama. Conforme as palavras de Greimas (2014, p.35), é importante perceber que “apenas a encenação sintática pode expressar o encontro do objeto com os valores nele investidos”. Acrescenta, ainda:

Se tomarmos a sintaxe não apenas pelo que ela é, isto é, representação imaginária, mas também como única maneira de imaginar a apreensão do sentido e a manipulação de significações, podemos compreender que o objeto não é apenas um conceito sintático, termo final de nossa relação com o mundo, mas também, e ao mesmo tempo, um dos termos do enunciado elementar que é um simulacro semiótico que representa, sob a forma de um espetáculo, essa relação com o mundo (GREIMAS, 2014: 35).

Esse espetáculo presentificado na imanência de *O Espelho* posiciona sujeito (narrador onisciente) e objeto de valor (espelho), inicialmente em

estado de conjunção. Nessa medida, o sujeito-narrador dotado de valores subjetivos expõe alguns questionamentos, como este inicial: “[...] suponho nem tenha ideia do que seja na verdade - um espelho?” (ROSA, 2011, p.113). Nota-se, então, um ponto de mobilização enunciativa que projeta o objeto ao contínuo do texto, logo, investido em aspectos semânticos o espelho é descrito sobre suas formas e qualidades, alterando seu estado em relação ao sujeito-narrador. Nessa performance, sujeito *vs* objeto, conferem-se outras qualidades no que se pode entender, segundo Greimas (2014), de estatuto narrativo dos valores. Para tanto, leia-se o fragmento do conto:

Mas - que espelho? [...]E as máscaras, moldadas nos rostos? [...] Qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e sua reflexão no espelho. Sem sofisma, refuto-o. O experimento, [...], em vista das irreduzíveis deformações, de ordem psicológica.Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. [...]Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica,[...](ROSA, 2011, p. 113-114).

Nessa protagonização, tem-se um espelho permeado de axiologias que configuram “[...] um enunciado de estado, cuja função estabelece a relação conjunta entre sujeito e objeto, o que nos permite considerar que um determinado sujeito e um determinado objeto existam semioticamente um para o outro” (GREIMAS, 2014, p. 39). Desse modo, visualizam-se os reflexos, através do espelho, relatados pelo sujeito-narrador ao evocar a imagem do outro; alguém, cujos olhos não podem negar a si mesmo a fidelidade da expressão, a exatidão expressa de um momento a outro. Figuram-se, ainda, metáforas como em “Os olhos, [...], são a porta do engano”, numa linguagem enriquecida de signos resultantes de uma construção lógica estrutural em que se articulam os enunciados de estado conjuntivos ($S \cap O$)e disjuntivos ($S \cup O$).

Nesse âmbito, o enunciado de estado de *fazer*(f), presentificado nas linhas deste *corpus*, situa um sujeito (S^1) que altera-se no desenvolvimento do texto em relação ao restante do enunciado (O^1). Outrossim, segundo Greimas (2014), essas transformações se dão no plano de *realização* conferindo um estado de conjunção entre o sujeito e o objeto:

Realização = f transformação $[S^1 \rightarrow O^1 (S \cap O)]$

ou ainda, designa por *virtualização* a transformação que opera disjunção entre sujeito e objeto:

Virtualização = f transformação $[S^1 \rightarrow O^1 (S \cup O)]$

Essas realizações pontuadas nos caminhos do conto de Rosa são recobertas pela subjetividade do *fazer* enunciativo, que se dá no interior das lembranças do narrador também destinador do evento semiótico, que se dirige a um destinador, suposta personagem inominada ou suposto leitor, num *fazer persuasivo*, por exemplo: “Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas”, induzindo o destinatário a acreditar em seus relatos que perpassam a filosofia e o transcendente, como se vê: “Ah, meu amigo, a espécie humana pejeja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica [...]”(ROSA, 2011, p.113). Com isso surge um *fazer interpretativo* do destinatário, ser inominado, ao buscar as confirmações dos relatos, acompanhando o destinador em sua trajetória.

No íterim dos acontecimentos, o sujeito-destinador após descrever outras formas do objeto, entre elas os “[...] côncavos, convexos, parabólicos - além da possibilidade de outros, [...]. Um espelho, por exemplo, tetra ou quadridimensional? [...]” (ROSA, 2011:114), se apropriada mitologia grega para atribuir novas vestimentas ao objeto, instaurando alguns motivos que dinamizam a narrativa conforme se destaca no trecho:

Mas, se só usamos os planos - e nas curvas de um bule tem-se sofrível espelho convexo, e numa colher brunida um côncavo razoável - deve-se a que primeiro a humanidade mirou-se nas superfícies de água quieta, lagoas, lameiros, fontes, delas aprendendo a fazer tais utensílios de metal ou cristal. Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse... Sim, são para se ter medo, os espelhos. (ROSA, 2011, p. 114-115).

Ao se utilizar do mito de Narciso, aponta uma nova postura actancial ao objeto, a de antissujeito, quando diz: “Sim, são para se ter medo, os espelhos.” Desse modo, o narrador depois de recorrer ao processo intertextual mantém-se em disforia, constituindo um novo enunciado de estado ao passo que confirma seu caráter disjuntivo com o objeto e agora antissujeito. Essa rede relativa de papéis actanciais confere à narrativa uma dinâmica na medida em que os enunciados se alteram e com isso seus elementos se transformam. Tem-se um

processo não só narrativo, mas também figurativo onde os motivos são pontuados no trânsito intertextual de transformação das estruturas deste nível sêmionarrativo.

Projetam-se com isso as instâncias de mediação discursivas, que segundo Barros (2001, p.119), “nos textos em que o investimento figurativo goza de certa autonomia e ocupa as dimensões do discurso, equilibrando-se efeitos de realidade [...] e de enunciação. [...] A literatura, [...] tem enfatizado, por exemplo, os efeitos de enunciação”. Portanto, as instâncias enunciativas contribuem com a subjetivação que perpassa a linguagem da criação estética, cujos aspectos podem ser visualizados por meio dos temas e figuras do nível discursivo.

OS DISCURSOS REFLETIDOS PELO ESPELHO – 3ª ETAPA

Conferiram-se até aqui as etapas que servem para condução dos caminhos que adentram o discurso e favorecem a análise de elementos que se articulam em planos isotópicos. Assim, o projeto semiótico de Greimas avança no sentido em que não fica restrito aos fatores internos do texto, na medida em que os elementos do mundo natural são convertidos em temas e recobertos pelos mecanismos figurativos espalhando-se pelo discurso numa interação texto-contexto. Desse modo, Barros (2001, p. 118) aponta que “o enunciador utiliza as figuras do discurso para fazer-criar, ou seja, para fazer o enunciatário reconhecer ‘imagens do mundo’ e, a partir daí, a *verdade* do discurso”. Nesse âmbito, o leitor pode se aproximar e ressignificar o dito, pois passa a interagir por meio dos recursos de subjetividade evidenciados ao longo do processo enunciativo refletido no discurso.

Durante a verificação dessas estruturas os planos de sentido são instaurados e fundam-se isotopias figurativas, logo ao se deter de maneira mais minuciosa nas configurações e nos percursos figurativos, observa-se o papel e a importância da figura, para as relações entre texto e contexto (BARROS, 2001). Ao redirecionar o olhar para *O Espelho*, de Guimarães Rosa, o que se vê são diversas imagens refletidas em percursos figurativos. Logo no início do conto, por exemplo, o narrador apresenta-se em euforia com o espelho. Após convidar o leitor a segui-lo, o enunciador mostra os aspectos positivos do objeto como se vê: “[...] suponho nem tenha idéia do que seja na verdade - um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um

mistério. Inclusive, os fatos” (ROSA, 2011, p.113). Nesse primeiro momento, tem-se a apresentação da narrativa, em que o plano de significação é homogêneo constituindo a primeira isotopia (GREIMAS, 1973). Neste caso, são pontos eufóricos em enunciados conjuntivos que enredam esse plano de sentido, revestindo o objeto de qualidades além das leis da óptica, o transcendente, os mistérios e fatos, reportam-se a algo que supera o que está diante dos olhos, criando possibilidades para descobertas.

Contudo, o dinamismo do percurso discursivo ocorre quando se alteram os jogos de linguagem e surge um novo plano de sentido que se dá na instauração de pontos disfóricos ou ainda em enunciados disjuntivos. Segundo Greimas (1973), geralmente os textos já comportam em sua sequência estrutural um diálogo que rompe sua unidade homogênea, ou seja, a apresentação da narrativa. Desse modo, aponta-se uma segunda isotopia que naturalmente se opõe à primeira; assim, na medida em que os eventos textuais ganham forma o objeto vai sofrendo alterações e fica em estado de disjunção, como se vê nesta passagem do conto “[...] Há-os ‘bons’ e ‘maus’, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos [...]” (ROSA, 2011, p.113). Outrossim, o semioticista aponta que

A confrontação das duas isotopias coloca em oposição, nesse caso, não mais apenas duas sequências que possuem cada uma um caráter isotópico: essas facções do discurso são consideradas, do ponto de vista de seu conteúdo, como representativas de *mentalidades heterogêneas* (GREIMAS, 1973: 96).

Nessa perspectiva de uma geração de planos heterogêneos as isotopias vão se formando de maneira bem variada e com isso os temas são despertados na construção do nível discursivo e possibilitam ressignificar suas estruturas. Logo, tais papéis temáticos, como o da produção, apresentam configurações enunciativas que se coadunam com a ação do homem sobre as coisas e seu poder de transformação. Deste modo, é mister considerar a enunciação como uma realização humana, como atesta Barros (2001). Esse caráter subjetivo com o qual se depara aqui é representado no processo textual do *corpus* deste artigo, visto que nos entremeios do discurso ocorrem regressões feitas pelo sujeito-destinador que compartilha suas experiências ligadas ao objeto de valor ao qual se referem, como se percebe na seguinte passagem:

Temí-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis exceções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se

sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não-explicações? - jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro? (ROSA, 2011, p.115).

Percebe-se uma mudança da categoria de tímica inicial, pois de euforia passou-se a disforia, ao passo que o espelho é compreendido como algo fantástico que emite imagens amedrontadoras inexplicáveis, das quais o enunciador temia desde menino, assim como os animais do interior. Essa experiência concilia-se com o mito de Narciso, apontado anteriormente em outro momento do conto, quando Tirésias prediz a Narciso que ele viveria, enquanto não visualizasse sua imagem, ao que o narrador indaga: “Sim, são para se ter medo, os espelhos” (ROSA, 2011, p. 115). Investido este papel actancial, o espelho passa de objeto de valor a antissujeito das relações discursivas, de modo que esse enunciado disjuntivo compreende uma nova isotopia no nível do discurso.

Não obstante os espelhos referidos no conto possuem revestimentos figurativos que perpassam as estruturas discursivas, ganhando distintas proporções a cada plano de sentido que se constrói no discurso. De acordo com Greimas, “consequentemente o que conta objetivamente, para a análise do conteúdo, é a necessidade de reconhecer a existência, em certos casos, de vários planos isotópicos, num mesmo discurso” (GREIMAS, 1973, p.129). Destarte, os temas são recobertos em percursos figurativos configurados por meio de elementos que se consolidam no processo natural de acontecimentos concatenados em sequências intertextuais para repassar suas experiências com o espelho, ou tipos distintos que o associem. Para tanto, afirma Barros (2001, p. 143-144), “é muito difícil, porém, não haver intersecção entre os recortes, pois os textos fornecem pistas para sua inserção contextual”. Nesse propósito, produtor e receptor têm por função delimitar o contexto no qual se inserem as relações ou ponto de cruzamento de diferentes textos.

Por meio de regressões do enunciador-narrador são remontadas personagens representativos de variáveis textuais que contribuem para a formação de sentido, o que torna bem intrigante a trama da narrativa que se desenvolve em torno de *O Espelho*. Um desses aspectos intertextuais já elencados retoma as personagens da mitologia grega, Tirésias e Narciso. Ressalta-se, ainda nesse íterim, outros eventos temáticos que se manifestam na unidade discursiva do conto, conforme o trecho abaixo:

O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a idéia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. [...]. A alma do espelho - anote-a, esplêndida metáfora. [...] videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? [...] (ROSA, 2011, p. 115).

Na passagem citada o espelho é descrito como algo dotado de poder através do qual se vê a alma, constrói a metáfora “alma do espelho” e conota ainda a subjetividade em um puro misticismo do qual os primitivos sustentam suas crenças. Pelo que se confere na voz da narrativa os espelhos têm o poder de direcionar o tempo, o futuro. Essa qualidade do objeto faz com que ele assuma um estado de conjunção em relação ao enunciador (sujeito-narrador). Assim sendo, o discurso varia em forma e os sentidos vão gerando teias figurativas de isotopias contextuais, conforme se destaca neste trecho do conto:

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso.[...] E o que enxerguei, por Instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era - logo descobri.., era eu, mesmo!

[...]Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa - a minha vera forma. [...]

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do rosto externo diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio “visual” ou anulamento perceptivo, [...]. Tomei o elemento animal, para começo.

[...]Meu sócia inferior na escala era, porém - a onça. Confirmei-me disso. E, então, eu teria que, após dissociá-los meticulosamente, aprender a não ver, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino (ROSA, 2011, p. 115-117).

Os relatos de um destinador-manipulador, como se vê nesta parte recuada, fornecem pistas ao leitor, provável *receptor-interpretante*, parar e construir sentidos diante dos recortes textuais que enredam o discurso da narrativa. “Assim entendido, o contexto não se confunde com o ‘mundo das coisas’. É antes considerado como um texto maior, uma totalidade de significação, no interior do qual cada texto cobra sentido” (BARROS, 2001, p. 142). Entendido isso, é possível traçar não só um percurso de significação no texto em análise mais inúmeros, dadas as perspectivas que se assume, pois o narrador-enunciador utiliza-se de uma linguagem plurissignificativa numa

variação de estados enunciativos que, ora está em euforia ora em disforia com o objeto de valor, posto que o espelho vai revelando a cada momento as inúmeras faces que o sujeito pode assumir, além de expor seus melindres e formas suspeitas e hediondas como o próprio narrador descreve.

Desse modo, ao se deter de maneira mais minuciosa nas configurações e nos percursos figurativos, observa-se o papel e a importância da figura, para as relações entre texto e contexto (BARROS, 2001). Ao que Denis Bertrand reforça,

Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, tecida no texto por isotopias semânticas, recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas. Ela dá ao leitor, assim como ao espectador de um quadro ou de um filme, o mundo a ver, a sentir, a experimentar (BERTRAND, 2003, p. 29).

De posse desses dados presentes na dimensão do conteúdo estético o leitor pode produzir inferências pela trajetória seguida a cada nível de dimensão de sentido que recobrem a textualidade da criação literária, pois, segundo Umberto Eco (1993), a interpretação está ligada ao que o texto autoriza. Deste modo, seguindo essa terceira dimensão que o modelo semiótico de Greimas (1973) discute de maneira extensa, presentificada como percurso figurativo do discurso, o leitor tem um panorama de imagens experienciadas de forma sensível por meio da leitura. É esse contato de múltiplos olhares que *O Espelho*, de Guimarães Rosa, oportuniza, uma vez que o conto literário pode compreender uma forma densa e várias manifestações de natureza disjuntivas na tessitura do plano textual. Aponta-se outro trecho do conto em estudo:

São sucessos muito de ordem íntima, de caráter assaz esquisito.
[...]

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei - não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei.[...]

São coisas que se não devem entrever; ...conforme pude distinguir, muito mais tarde - por último - num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava - já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto - quase delineado, apenas - mal

emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal ... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. (ROSA, 2011, p. 117)

Confere-se que o sujeito-enunciador ao compartilhar suas lembranças, também ressignifica o objeto, num plano nostálgico remonta a infância, suas modificações perante a existência, a imagem reflete o renascimento: “ainda-nem-rostos-quase delineado, [...] qual uma flor pelágica, de nascimento abissal...” (ROSA, 2011, p. 117). Esse trecho reflete a imagem de um sujeito que se reconstrói em subjetividade, ao ponto que o leitor também se espelha nesse processo artístico, como pontua as OCEM (BRASIL, 2006), em que a literatura é a construção da subjetividade, construção do sujeito – aquele que compartilha daquilo que o texto oferece. Na passagem do conto, o sujeito-enunciador visualiza um plano em que “era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só.”, logo seu estado atual alterou-se, ele é o resultado das experiências vividas circunscritas em torno de um espelho. A essa isotopia pode-se relacionar as palavras de Bertrand ao se referir a um sujeito-enunciador

O sujeito é pressuposto pela manifestação do discurso, reconstituível a partir dos traços que deixa nele, acessível por meio de numerosas instâncias de delegação que simulam sua presença no interior do texto (o narrador, o observador, os interlocutores), localizável por operações enunciativas (debreamento e embreamento, focalização, ponto de vista e perspectiva), reconhecido, como agente de textualização (BERTRAND, 2003, p.30).

Desse modo, o sujeito, narrador do conto, se reconstrói na medida em que remonta um percurso figurativo de imagens tracejadas desde quando não era “mais-que-menino” até a que está diante de si, imbuído de sentimentos presentificados nos aspectos textuais em meio às tensões disfóricas e conjuntivas. A narrativa não cessa a imagem e o sujeito-enunciador insiste em seus relatos, consoante se vê na seguinte passagem:

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? [...] Tresbusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano - interseção de planos - onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica - ou pelo menos parte - exigindo - o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o “salto mortale” ... - digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram,

mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: - “*Você chegou a existir?*” Sim? [...]. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim? (ROSA, 2011, p. 117).

Nesse discurso plurívoco que se instaura nas instâncias presentes no texto está intrínseca a experiência de olhar a “vida” de maneira extrema e séria, parafraseando aqui o narrador do *corpus*, ou ainda o “crescer da alma”, que “soterra” o mesmo, o “julgamento-problema” que sonda a existência. Esses planos são descritos em meio à contemplação do espelho, do outro, da imagem, do reflexo no *fazer* e *ser* de um sujeito em seu estado de timia (disfórico x eufórico) ou de junção (disjunção x conjunção) em relação ao objeto-valor que circunda o discurso da narrativa do conto *O Espelho*, de Guimarães Rosa. Os acontecimentos ocorrem, como diz Salvatore D’Onofre de forma surpreendente, pois “no conto temos uma condensação do sentido que se revela ao leitor de uma forma mais rápida e surpreendente.” (2004, p 121). Assim, nessa última passagem o narrador-enunciador reitera a presença de um enunciatário que compartilhou dos acontecimentos durante o percurso tracejado nessas estruturas e reforça também a interação nestes planos de sentidos construídos por meio das isotopias do nível discursivo.

ULTIMOS PASSOS

Destinou-se, portanto, nestas páginas a atenção sobre a importância do estudo do texto artístico a partir do método semiótico do discurso, de Algirdas Julien Greimas, como forma de estimular a análise dos elementos significativos presentes nas unidades da tessitura do *corpus*. Inscreveu-se, portanto, neste artigo o gênero literário – conto – que apesar de uma estrutura condensada, segundo Silva (2011), não dispensa uma linguagem refinada em seu caráter estético, além de revelar e construir clímax e desfecho instigantes e que sugerem a ideia da narrativa. Desse modo, foram expostas as etapas do percurso gerativo de sentido a fim de reconhecer os elementos do nível da superfície presentes no plano do discurso e, que se manifestam logo nos primeiros níveis de significação, coadunando com a construção de isotopias temáticas e figurativas.

Essas articulações oportunizam, ao leitor de um texto como *O Espelho*, refletir sobre algumas temáticas em suas estruturas e por meio delas tecer suas prováveis interpretações em torno de imagens figuradas nesses reflexos do mundo natural, que se articulam no texto literário. Nesse intento, acredita-se que este recurso de análise pode conduzir o estudante-leitor do ensino médio a reconhecer os elementos de textualidade imersos num texto de caráter estético e, por conseguinte, contribuir com a redução desta problemática de leituras fragmentadas nos estudos de literatura por meio dos caminhos da significação do método semiótico do discurso.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLHC/USP, 2002.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

D'ONOFRE, Salvatore. **Teoria do Texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Trad. de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.

HEJLMSLEV, L.T. **Prolegômenos: uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos)

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ROSA, João Guimarães. O Espelho. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Lazer e Cultura, 2011.

SILVA, Vera Lúcia Crevin. **Semiótica na sala de aula**: música, publicidade e literatura. Curitiba: Ed. CRV, 2011.

TADIÉ, Jean-Yves. **A Crítica Literária no século XX**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

*Recebido em julho de 2015.
Aprovado em outubro de 2015.*